Relatório de avaliação

Estética e Teoria da Arte

Exame e pfolio, época de recurso.

2012-2013

Com esta prova de recurso chegamos ao fim de mais uma etapa, a última deste ano lectivo que assim se finda, dando lugar a outro que, daqui a dias, arrancará.

Esta UC não é fácil, mas também não é uma disciplina difícil. Trata-se de uma área de conhecimento que requer alguma bagagem anterior, que requer pesquisa, que requer que cada um entenda onde deve desenvolver-se mais, e que requer, acima de tudo, disponibilidade para reflectir sobre assuntos que escapam ao saber de quotidiano.

As provas de recurso da Estética não eram difíceis, conforme se verificou através da leitura dos enunciados. As questões direccionavam-se para assuntos particulares e os estudantes tinham de seleccionar os temas em aferição, procurando responder-lhes sem sair das balizas impostas pelo questionário. Para além disso, tinham os estudantes de redigir textos entendíveis sobre as propostas de reflexão determinadas.

Este relatório de avaliação tem como objectivo primeiro oferecer aos estudantes o elenco dos critérios de avaliação gerais, ou seja, aqueles que presidiram às avaliações. Para além disso, deste relatório constarão os caminhos de resposta almejados para cada pergunta.

Evidentemente que os critérios de correcção de uma prova de avaliação passam muito perto dos objectivos de cada UC, bem como do grupo de competências que os estudantes deveriam demonstrar ter adquirido ao longo de um semestre de trabalho.

Os critérios gerais de avaliação publicados na sala de aula aquando da emissão dos enunciados dos trabalhos de avaliação intercalares aplicam-se, integralmente, a todos os exercícios que os estudantes realizaram ao longo das 15 semanas lectivas.

**Critérios gerais de avaliação:**

**1. A originalidade dos textos**

Este é um aspecto particularmente importante em contextos de avaliação aos vários níveis de ensino actuais. O plágio é o mesmo que um crime (roubo de autoria) e, por esse motivo, é punível de acordo com a legislação em vigor. Relembra-se, desta forma, que em contextos de ensino-aprendizagem devem instigar-se os estudantes para a valorização de comportamentos éticos e rigorosos.

**2. Correcção formal dos textos**

Todos os escritos que realizamos são passíveis de avaliação, desde que recebidos por outra pessoa, na medida em que um texto é um espelho do nosso raciocínio vertido para dar-se ao outro que o recebe, caso o entenda com correcção. Nesta medida, a qualidade formal dos nossos escritos constitui um índice de avaliação muito válido.

Em contextos de ensino-aprendizagem, é importante que o estudante reconheça a importância da forma como se expressa, ou seja, o estudante tem de estar ciente de que é avaliado atendendo à sua compleição no que concerne ao convívio com os conteúdos e, também, atendendo à sua compleição enquanto indivíduo que domina a língua portuguesa que funciona, como todos bem sabemos, como **a** ferramenta de transmissão de ideias e, no nosso caso, de conhecimento.

Por estes motivos, a correcção semântica e sintática, a fluidez e a lógica interna dos textos constituem critérios de correcção. Não podem tolerar-se erros ortográficos e gramaticais, ou frases desprovidas de sentido e sem relação umas com as outras. A articulação dos assuntos consubstancia outro aspecto que o avaliador toma como critério de apreciação, na medida em que os escritos reflectem as ideias de quem os produziu, ou seja, e neste caso, as ideias do avaliado que se prestam a inquérito por parte de quem avalia.

**3. Clareza e integridade do escrito**

Quando possuímos um limite de espaço para uma redacção, temos de organizar as ideias de forma a não prejudicar o que entendemos declarar sem danificar a coesão do raciocínio. Distinguir o “trigo do joio” consubstancia, neste contexto, um claro critério de avaliação.

**4. Carácter articulado do escrito**

É evidente que a articulação de um texto é fundamental para que possamos partilhar o conteúdo do nosso pensamento. Por outro lado, um escrito articulado reflecte a qualidade do nosso próprio raciocínio. Um avaliador testa, de forma rigorosa, a qualidade do discurso do avaliado, e é por também por esse motivo que devemos estar atentos ao desenvolvimento, ou ao encadeamento das ideias expostas nos textos que produzimos.

**5. Correcção e clareza de conteúdo**

Evidentemente que a correcção de conteúdo funciona como um critério de avaliação conhecido de todos mas, ainda assim, não seria possível deixar de elencá-lo.

A correcção de conteúdo contempla alguns aspectos já descritos em alíneas anteriores e outros, tais como: o acerto do texto produzido de acordo com o enunciado, ou seja, o escrito originado deve balizar-se no contexto da pergunta emitida; a correcta utilização e aplicação dos conceitos; a correcção dos assuntos contidos na resposta, ou no texto, entre outros.

Quando respondemos a uma questão temos de responder-lhe, efectivamente, ou seja, não devemos dar resposta a outras questões, imaginadas, ou a questões que gravitam em torno do mesmo assunto sem o abordar directamente. Saber por onde começar e saber onde terminar são competências muito válidas em contextos como o nosso.

A coerência dos textos que corporalizam as respostas constitui outro critério de avaliação.

Relativamente à clareza do texto produzido nas respostas a um exame (ou outro trabalho de avaliação) deve dizer-se o seguinte: um escrito de qualidade não quer significar o mesmo que um texto complexo. A clareza da exposição das ideias no escrito reflecte o arrumo e a organização das reflexões produzidas.

A clareza dos textos consubstancia um critério de avaliação muito válido, na medida em que a forma (clara) não desvirtua a exposição dos raciocínios que têm de expressar-se de forma transparente e perceptível, ou entendível. Caso o leitor (e o avaliador) não compreenda aquilo que o estudante pretende dizer, não consegue avaliar o discurso.

**Critérios específicos de avaliação:**

 1. (exame)

A primeira questão enunciada solicitava que os estudantes lessem uma afirmação sobre a Teoria da Arte e que, partindo dela, se construísse um texto sobre um determinado assunto: o que era a arte entre a Antiguidade e a Idade Média.

O enunciado era muito claro e requeria que os estudantes iniciassem o discurso com a indicação do vocábulo que significava o mesmo que hoje damos à arte. A partir daí, o texto deveria discorrer sobre o que era a arte (e não o Belo, que consiste noutro assunto relativo à Estética e não à Teoria) entre as épocas balizadas.

 2. (exame e pfolio)

A pergunta não podia ser mais clara: a idade do Belo enquanto valor ético e moral. A que idade se referia a pergunta? Que quer significar ser o Belo uma qualidade moral e ética?

O Manual da UC compreende um capítulo dedicado a este assunto. Ainda assim, as respostas apresentadas não corresponderam ao almejado, na medida em que os estudantes sentiram necessidade de falar sobre uma quantidade de assuntos e de autores (nas suas tantas épocas) relacionados, mais ou menos directamente com o Belo, sem responder à pergunta que se referia a Sócrates (Belo = Bom).

 3. (exame)

Esta questão reportava-nos a Marciano Capella e, concretamente, ao seu contributo (qual?) para a teoria da arte. O contributo maior de Marciano Capella foi, efectivamente, o arrumo das artes liberais na sua separação que viria a durar até ao final do Renascimento.

 4. (exame e pfolio)

A última pergunta requeria conhecimento sobre a teoria da arte no século XVI e, para além disso, requeria que os estudantes soubessem o que até à data estava pensado, para que a obra de Vasari, devidamente enquadrada, ganhasse a fortuna que lhe corresponde.

Para responder a esta questão tinha o estudante de explicar o significado e a importância teórica desta obra de Vasari, recordar as novidades conceptuais que ele introduziu na teoria da arte (maneira, idea, etc.), determinar o que Vasari entendeu sobre a força do desenho, analisar o que Vasari determinou sobre o primado das artes, o que o artista pensou sobre a orgânica da história da arte nas suas várias idades.

Todos os assuntos laterais ao problema da obra deste autor não foram considerados.

Carla Alexandra Gonçalves